

INICIAÇÃO AO PROJETO

A Teoria e a História no Ateliê

MANENTI, LEANDRO

Universidade Feevale. ICET. Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Rodovia RS 239, 2755 – Novo Hamburgo – RS.

leandro@feevale.br

Palavras-chave: Concepção projetual, partido arquitetônico, composição.

Resumo

Procurando contribuir com o tema do evento, o presente trabalho apresenta um relato e uma reflexão sobre a experiência do autor com as disciplinas iniciais de prática de projetos de arquitetura, discutindo questões como a possibilidade, ou não, de se ensinar a projetar, o papel da teoria da arquitetura no ateliê de projeto e a introdução das discussões contemporâneas a respeito de programa, conceito, lugar e evento, entre outras, nas disciplinas introdutórias dos cursos de arquitetura. Através dos exercícios projetuais desenvolvidos na disciplina, conceitos como tipologia, funcionalismo e desconstrução são discutidos e empregados na geração diferentes de partidos arquitetônicos sobre um mesmo tema.

1. PROBLEMATIZAÇÃO

O papel das disciplinas iniciais de prática de projeto nos cursos de arquitetura é fundamental na formação de futuros profissionais, pois é através delas que o estudante se vê no papel que mais almeja ao ingressar em um curso de arquitetura, o de projetista. Porém, se por um lado há um grande interesse por parte dos estudantes, há também diversos desafios a serem superados, como a ausência de qualquer experiência anterior referente ao ato de projetar, o pouco aprofundamento teórico e o pequeno repertório de soluções que poderiam ajudá-lo nessa tarefa.

Em geral, a experiência docente mostra-nos que o público que frequenta nossa escola, um curso particular localizado em cidade de tamanho médio, é composto de jovens com pouquíssima experiência em arquitetura de qualidade, fruto da quase total ausência dela em nossas cidades de pequeno e médio porte. A cultura do projeto a baixo custo, que repete soluções indiscriminadamente, criou um público urbano de pequena cultura arquitetônica, sendo a quebra

desse paradigma a primeira, e talvez a mais difícil, atribuição das disciplinas introdutórias ao projeto.

Somada a isso, temos ainda a realidade mercadológica do ensino privado, que reduz a carga horária ao mínimo requerido por lei, acarretando, principalmente, a redução da carga horária de ateliês, prejudicando a relação mestre/aprendiz que estabeleceu-se tradicionalmente nos cursos de arquitetura, reduzindo os encontros a uma noite por semana.

2. A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DISCIPLINA DE PROJETO ARQUITETÔNICO I

Nesse quadro, a questão que se colocou diante de nós foi a de pensar a estrutura pedagógica de uma disciplina que deveria propiciar o aprendizado a respeito do lançamento projetual, tendo como público alunos sem vivência arquitetônica, e uma carga horária reduzida. A proposta, então, foi a de se tomar o pequeno repertório presente nas duas disciplinas de Teoria e História anteriores à disciplina de projeto em questão, que contemplam da Antiguidade ao Movimento Moderno, e retomá-las no ateliê como repertório para o início da prática projetual.

Entretanto, a proposta não tem como objetivo a geração de projetos estilísticos, e as questões contemporâneas a cerca do fazer arquitetônico deveriam, certamente, se fazer presentes. Desta forma, introduziram-se também conceitos ligados às teorias da desconstrução, em seu sentido mais amplo, propondo a desconstrução daquilo que está estabelecido, levando os acadêmicos a repensarem suas práticas em todos os aspectos. Essa ideia de repensar o projeto é discutida a partir daquele repertório presente no ideário dos acadêmicos, como crítica e reflexão sobre a Teoria da Arquitetura clássica e moderna, pois nos parece lógico que para repensar algo é preciso antes pensar, e dessa forma os exercícios tomam um sentido mais amplo e atual.

A proposta pedagógica para o ateliê é desenvolvida em duas etapas distintas, sendo a primeira destinada à repertorização e à prática de lançamento de projeto, e a segunda ao desenvolvimento de anteprojeto de arquitetura, que mantém a prática convencional do desenvolvimento assessorado de projeto. Nossa discussão centra-se na primeira etapa da disciplina, na qual são propostos três exercícios de lançamento de projeto sobre o mesmo tema e terreno. Anteriormente ao início dos exercícios de projeto, as atividades da disciplina iniciam-se com uma visita a um exemplar análogo ao tema a ser desenvolvido e o posterior estudo de pré-dimensionamento e montagem do programa de necessidades, iniciando, assim, de forma bastante convencional. A partir desse programa elaborado pelos alunos, são propostos exercícios sucessivos de lançamento de projeto, sendo o primeiro baseado no conceito de tipologia, o segundo nos princípios modernos de composição e o último propondo a revisão e o questionamento das etapas anteriores através da proposta de enxertos.

3. EXERCÍCIOS PROJETUAIS COMO FORMA DE ADQUIRIR REPERTÓRIO

A sequência de exercícios rápidos é composta por três lançamentos de projetos, elaborados um por semana, que têm por objetivo a ampliação de repertório. Cada exercício é composto de uma introdução teórica, que procura reforçar e ampliar os conhecimentos acerca dos princípios teóricos e projetuais a serem empregados, seguida do desenvolvimento de uma proposta de projeto com o uso de *software* de modelagem em terceira dimensão, e, finalizando, um painel de discussão sobre os resultados alcançados e a eficácia dos princípios empregados na geração da proposta.

Para o desenvolvimento do primeiro exercício, aplica-se como referencial teórico o conceito de Tipo Arquitetônico, que segundo Carlos Martí Arís, “é um conceito que descreve uma estrutura formal” (1993, p. 16). A aplicação desse conceito, cunhado a partir do estudo da arquitetura histórica, só pode ser empregado atentando, como frisa o autor, que o tipo é de natureza *conceptual*, e não *objetual*; que se trata de um enunciado lógico que identifica os objetos; e que o tipo se refere à estrutura formal, identificando a existência de semelhanças estruturais que não são evidentes de forma aparente e epitelial (MARTÍ ARÍS, 1993, p. 16). Essas ressalvas são essenciais para que não sejam desenvolvidos projetos anacrônicos, tampouco, cópias.

Desta forma, o primeiro exercício desenvolve-se assumindo a noção de tipologia como ponto de partida para a geração da proposta. Passam a ser, então, estudados exemplares de arquitetura histórica que possuem configurações formais recorrentes e aplicadas ao tema, como edificações lineares, configurações com pátios internos, salas hipóstilas, arranjos de salas principais com alas, entre outros. A partir desses referenciais, os acadêmicos adotam uma das configurações tipológicas apresentadas para o desenvolvimento de uma nova proposta arquitetônica. Nesse exercício, ao se garantir uma configuração formal pré-estabelecida, desenvolve-se, sobretudo, um aprendizado acerca da organização das funções em setores, ritmo e proporções de cada compartimento e suas associações, e sobre os ajustes necessários ao programa previamente estabelecido para que este se adeque à configuração escolhida.

O segundo exercício, baseado nos princípios modernos de composição, apresenta outra abordagem, delegando ao programa, em certo sentido, o papel de gerador da forma. Segundo Helio Piñon “a arquitetura moderna é funcional na medida em que encontra no programa o estímulo básico para sua constituição” (2006, p. 44), não havendo, portanto, nada formalmente pré-estabelecido, caracterizando “um empenho em construir universos formais novos e genuínos, sem o apoio do tipo (...) enfrentando a concepção como uma atividade produtiva e não mimética” (2006, p. 34). Assim, havendo já uma experiência na organização funcional advinda do exercício anterior, nesta segunda atividade desenvolve-se o aprendizado sobre a composição formal do

projeto, na qual conceitos como equivalência, equilíbrio e classificação (PIÑON, 2006, p. 34) são empregados para articular as diferentes partes que compõem o objeto arquitetônico.

No terceiro e último exercício, são discutidas teorias vinculadas aos pensamentos teóricos sobre a desconstrução; mais especificamente, a noção de enxerto desenvolvida por Peter Eisenman em seu texto *O Fim do Clássico*. Nele, o autor discute as três ficções, que, segundo ele, impregnaram o pensamento arquitetônico: a ficção da representação, verificada no emprego de linguagens arquitetônicas do passado para dar sentido ao presente; a ficção da razão, que se verifica no uso da ciência como representação da verdade; e por fim a ficção da história, que se apresenta na justificativa de que existe uma relação *a priori* entre a história e as manifestações de um determinado momento histórico (EISENMAN, 2008). Questionados, e desconstruídos esses conceitos tradicionais da arquitetura que ajudavam a fundamentar as noções de tipologia e funcionalismo, os acadêmicos são convidados a experimentar a proposta de origem artificial da arquitetura, isto é: a introdução de uma nova lógica projetual, exemplificada pelo conceito de enxerto, que, conforme Eisenman, trata-se de um local inventado, que é menos um objeto e mais um processo (2008, p. 244). São propostos alguns caminhos para a geração do projeto, como a adoção de percursos, de rearranjos funcionais, de eventos e movimentos (TSCHUMI, 1994), além da ideia de arquitetura conceitual.

A respeito desse exercício, seus resultados, embora arquitetonicamente ainda pouco expressivos - visto a pouca experiência dos acadêmicos, como relatado acima - tem sido considerado bastante satisfatório se levarmos em conta que a tentativa de se estabelecer outras formas de concepção projetual é ainda distante de grande parte dos ateliês e de prática profissional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dessa sequência de três exercícios, a disciplina encaminha-se na adoção de uma solução - não necessariamente alguma das já apresentadas nos exercícios - que é desenvolvida em nível de anteprojeto. Nesse desenvolvimento, verifica-se a permanência de muitas das ideias testadas nos exercícios, o que nos faz acreditar que, de fato, eles foram importantes e didáticos, oferecendo aos acadêmicos inexperientes um subsídio básico para o início da prática projetual reflexiva e fundamentada, características que acreditamos conferir qualidade aos projetos arquitetônicos.

Podemos afirmar, ainda, que a apresentação de questionamentos e teorias complexas a respeito da geração da forma arquitetônica - mesmo nas disciplinas introdutórias de projeto - auxiliam o desenvolvimento dos acadêmicos, pois, embora esses apresentem certa dificuldade em seu entendimento, por serem iniciantes, mostram-se muito mais abertos e sem preconceitos que os estudantes curricularmente mais adiantados, mostrando-se ávidos por dar sentido a essa prática que se inicia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EISENMAN, Peter. In: *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 233-252.

MARTÍ ARÍS, Carlos. *Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1993.

PIÑON, Helio. *Teoria do projeto*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

TSCHUMI, Bernard. *Architecture and disjunction*. Cambridge: The MIT Press, 1994.